

8 Um ponto final?

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não 'aprendo' nem 'ensino'.

(Freire, 2002:95)

A sala de aula não existe isolada do mundo que a cerca. Conforme verificado nesta análise, a sala de aula encontra-se inserida na prática social de uma determinada sociedade, não existindo fronteiras entre o ambiente escolar e o mundo externo. Assim, este contexto deve ser entendido como qualquer outro ambiente de interação social – e encontro face-a-face – com suas características particulares, sem dúvida, mas não dissociado da sociedade que o cerca.

Igualmente, pudemos observar nesta pesquisa que a sala de aula de qualquer natureza caracteriza-se pela manifestação de uma variedade de discursos que *convivem* em harmonia, fazendo deste contexto uma unidade sistêmica. Tal unidade é composta pela relação de interdependência entre as dimensões social, afetiva e cognitiva, compondo o tripé estrutural, onde cada uma destas depende da outra para compor o todo da sala de aula.

Estas três dimensões são evidenciadas em sala de aula através da prática discursiva pedagógica, especificamente a partir da investigação das conversas periféricas, manifestação discursiva do tripé estrutural da sala de aula. A análise realizada a respeito das conversas periféricas revelou que os agentes da interação escolar levam para sala de aula o que vivem fora da mesma, como por exemplo seus sentimentos, emoções, papéis sociais e institucionais, etc, a fim de construir seus conhecimentos. Assim, retomando a questão da sala de aula como continuidade da vida cotidiana, concluímos que alunos e professores se posicionam em sala de aula como agentes sociais atuando em um contexto social específico.

Quanto à construção do conhecimento, as conversas periféricas e o interdiscurso se revelaram importantes instrumentos no processo de ensino/aprendizagem de língua inglesa. Observamos que as conversas periféricas revelam a realidade pessoal de cada participante da sala de aula, onde estes trazem para o contexto escolar suas expectativas de mundo, bem como suas experiências de vida possibilitando, assim, construir significativamente seu processo de sócio-construção do conhecimento. Deste modo, as conversas periféricas podem ser entendidas como uma forma de aprendizagem criada por alunos durante a construção de seu saber. Independentemente de metodologias ou teorias de aprendizagem propostas pelas instituições de ensino, a conversa periférica talvez possa ser considerada como uma teoria ou método de aprendizagem criado espontaneamente pelos alunos com o intuito de, a partir de uma correlação com seu mundo particular, apropriar-se, bem como acomodar-se, ao conhecimento oferecido no ambiente pedagógico.

O interdiscurso, produzido no contexto da conversa periférica, apresenta-se como o núcleo da prática discursiva pedagógica em sala de aula e, embora sendo um momento curto – e quase fugaz – do processo de ensino/aprendizagem, pode ser considerado como uma instanciação do momento de construção de conhecimento de princípio. Acredito que a possibilidade de identificá-lo nas interações de sala de aula estudadas nesta pesquisa representa uma grande contribuição deste trabalho para a área de estudos do discurso pedagógico, ao mesmo tempo em que abre caminho para novos estudos a serem desenvolvidos sobre este tópico.

Entretanto, esta pesquisa apresenta algumas limitações, como a investigação da conversa periférica em grupos com um número restrito de alunos, com pequena variação de idade, onde apenas um grupo de cada faixa etária foi selecionado. Um outro aspecto a este respeito a ser considerado refere-se ao fato deste estudo ter sido realizado apenas em um tipo de sala de aula, no caso o de ensino de língua estrangeira.

Por acreditar que as conversas periféricas são elementos recorrentes em qualquer tipo de sala de aula, não se restringindo apenas à sala de aula de línguas, sugiro como desdobramentos desta pesquisa que uma investigação das conversas periféricas seja realizada em outros contextos, com características semelhantes – a fim de confirmar a importância e funções deste tipo de discurso – como também

em salas de aulas de diferentes disciplinas, outra faixa etária e maior variação no número de meninos e meninas participantes. Esta extensão do estudo a outros contextos pode vir a comprovar os resultados desta pesquisa, bem como revelar outras nuances da prática discursiva pedagógica, especialmente das conversas periféricas.

Após discutir a respeito da importância do discurso transversal em sala de aula de língua estrangeira, acredito que esta investigação possa contribuir para a prática pedagógica, já que identificar e entender as conversas periféricas como parte do processo de sócio-construção de conhecimento pode beneficiar a todos os envolvidos nesta prática educacional.

Espero estar ainda contribuindo com este estudo para uma prática de ensino que dê mais importância a interações locais, ou seja, a contextos pedagógicos onde cada interação é única e particular a um determinado grupo de alunos com seu professor. Para que isto ocorra, entretanto, acredito ser necessário que professores ativem sua curiosidade em (re)conhecer o contexto no qual encontram-se atuando. Esta curiosidade é, de fato, responsável pela descoberta de formas significativas criadas e recriadas por alunos e professores durante o processo de ensino/aprendizagem. Portanto, torna-se necessário que professores *escutem* o que seus alunos falam e quando estes falam procurando, a partir de então, entender as diferentes formas de construção do conhecimento adotadas em sala de aula.

Finalmente, espero que esta pesquisa não seja vista como um *ponto final* no estudo da conversa periférica e do interdiscurso, mas sim como um possível início de inúmeras outras investigações no campo de estudos da linguagem acerca destes elementos da prática discursiva pedagógica que, certamente, muito tem a contribuir para uma prática de ensino mais voltada para os interesses e expectativas dos envolvidos nas interações de sala de aula.